



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

AGUINEL FERNANDES DA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO CICLO
ALFABÉTICO NA ESCOLA MUNICIPAL CELSO EULÁLIO, EM PICOS - PIAUÍ**

**PICOS– PI
2015**

AGUINEL FERNANDES DA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO CICLO
ALFABÉTICO NA ESCOLA MUNICIPAL CELSO EULÁLIO, EM PICOS - PIAUÍ**

Monografia apresentada à disciplina Prática Educativa e Pesquisa III como requisito parcial para aprovação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientadora: Prof^ª Ma. Maria Dolores dos Santos Vieira.

**PICOS - PI
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S586p

Silva, Aguiel Fernandes da

A prática da leitura e os desafios da aprendizagem no ciclo alfabético na escola municipal Celso Eulálio, em Picos-PI / Aguiel Fernandes da Silva. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (47 f.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016

Orientador(A): Prof^a. Ma. Maria Dolores dos Santos Vieira

1. Educação Infantil. 2. Leitura-Prática. 3.Ciclo Alfabético. I. Título.

CDD 372.21

AGUINEL FERNANDES DA SILVA

A PRÁTICA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO CICLO ALFABÉTICO NA ESCOLA MUNICIPAL CELSO EULÁLIO, EM PICOS - PIAUÍ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Prática e Pesquisa Educativa III do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 10 / 07 / 2015

BANCA EXAMINADORA

Maria Dolores dos Santos Vieira

Prof^a: Ma. Maria Dolores dos Santos Vieira

Orientadora - UFPI/CSHNB

Antonia Regina dos Santos Abreu Alves

Prof^a: Ma. Antonia Regina dos Santos Abreu Alves

Membro 1- UFPI/CSHNB

Cristiana Barra Teixeira

Prof^a: Ma. Cristiana Teixeira Barra

Membro 2 - UFPI/CSHNB

Dedico primeiramente a Deus, a minha esposa Inácia, minha filha Alice, a minha família e a todos os meus amigos que contribuíram com esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças para que eu conseguisse chegar até aqui e não fraquejar diante das dificuldades e obstáculos encontrados durante o trabalho.

Agradeço a minha esposa Inácia e à minha filha Alice que estiveram ao meu lado nos momentos em que mais precisei e que me deram força para continuar, e a minha família que me ajudou muito nessa caminhada.

Agradeço aos meus amigos Fernanda Moreira de Aquino, Ana Maria Cosmo, Jardel Silva, Eginardes Luz, Adan Sales, pelos momentos de alegria e companheirismo, nas horas boas e ruins que passamos juntos, uma amizade que continuará depois do término do curso.

Agradeço aos professores do curso que contribuíram nessa jornada de aprendizado constante. E a minha professora orientadora Maria Dolores dos Santos Vieira, uma pessoa maravilhosa, culta, paciente, que com muita sabedoria orienta seus alunos e que sem ela, eu não teria conseguido realizar esse trabalho.

Ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e o contexto e como vincula com o meu contexto.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo tem abordagem qualitativa e foi norteado por questionamentos que possibilitaram refletir sobre: como professores/as utilizam as estratégias de leitura no ciclo alfabético? Quais são os desafios do ensino da leitura apresentados pelos alunos do ciclo alfabético? Como as práticas pedagógicas dos/as professores/as do ciclo alfabético estão relacionadas aos entraves e/ou avanços da aprendizagem da leitura pelos alunos/as? Seguindo por essa linha de pensamento foi objetivo geral da pesquisa analisar as práticas pedagógicas de professores/as do ciclo alfabético no que diz respeito ao ensino da leitura tendo como objetivos específicos: identificar as estratégias utilizadas pelos/as professores/as no ensino da leitura no ciclo alfabético; registrar os desafios da aprendizagem de leitura dos alunos do ciclo alfabético; refletir sobre as práticas dos/as professoras do ciclo alfabético relacionadas aos entraves e/ou avanços da aprendizagem da leitura pelos discentes. O estudo foi desenvolvido na perspectiva da abordagem qualitativa, quanto aos objetivos, o método utilizado foi o método descritivo analítico utilizando-se da observação direta como uma das técnicas de pesquisa utilizadas para a consecução dessa investigação, associada ao questionário semiestruturado aplicado às professoras do ciclo alfabético da referida escola. No que se refere à análise dos achados do estudo, trabalhou-se com a análise de conteúdo. Fazem parte do alicerce epistemológico, autores/as como: Ferreiro e Teberosky (1989). Freire (1984), Piaget (1998), Rego (1999), Silva (1991) e outros que complementam o texto. Pelos resultados da pesquisa podemos constatar que, os sujeitos da pesquisa apresentam concepções centralizadas na natureza pedagógica no que diz respeito aos desafios encontrados pelos/as professores/as do primeiro ciclo e como empreendem esforços para o aprimoramento do processo de ensino aprendizagem, para garantir um ensino a aprendizagem da leitura no ciclo alfabético.

Palavras-chave: Estratégias de leitura, Desafios, Professores, Ciclo Alfabético.

RESUMEN

Esta investigación tiene un abordaje cualitativo y fue nortada por cuestionamientos que posibilitaron reflejar sobre: ¿Cómo profesores/as utilizan las estrategias de lectura en el ciclo alfabético? ¿Cuáles son los desafíos del ensino de la lectura presentados por los alumnos del ciclo alfabético? ¿Cómo las prácticas pedagógicas de los profesores/as del ciclo alfabético están relacionadas a los entabes y/o avanzos de aprendizaje de lectura por los alumnos/as? Siguiendo por esta línea de pensamiento fue el objetivo general de la investigación analizar a las prácticas pedagógicas de profesores/as del ciclo alfabético en lo que dice respecto al ensino de la lectura teniendo como objetivos específicos: identificar las estrategias utilizadas por los/las profesores/as en el ensino de la lectura en el ciclo alfabético; registrar los desafíos de aprendizaje de lectura de los alumnos del ciclo alfabético; reflejar sobre las prácticas de los profesores/as del ciclo alfabético relacionadas a los entabes y/o avanzos de aprendizaje de la lectura por los discentes. El estudio fue desarrollado en la perspectiva del abordaje cualitativo cuanto a los objetivos, el método utilizado fue el descriptivo analítico se utilizando de la observación directa como una de las técnicas de pesquisa utilizadas para la consecución de esta investigación asociada al cuestionario semi estructurado aplicado a las profesoras del ciclo alfabético de la referida escuela. En lo que se refiere al análisis de los hallados del estudio, se trabajó con el análisis de contenido. Hacen parte del aporte epistemológico, autores/as como: Ferreiro y Teberosky (1989), Freire (1984), Piaget (1998), Rego (1999), Silva (1991) y otros que complementan el texto. Por los resultados de la pesquisa podemos constatar que, los sujetos de la pesquisa presentan concepciones centralizadas en la naturaleza pedagógica en lo que dice respecto a los desafíos encontrados por los/las profesores/as del primer ciclo y como emprenden esfuerzos para el mejoramiento del proceso de ensino aprendizaje, para garantizar un ensino al aprendizaje de lectura en el ciclo alfabético.

Palabras llave: Prácticas Pedagógicas, Profesoras, Lectura, Ciclo Alfabético.

LISTA DE SIGLAS

CSHNB – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

UFPI – Universidade Federal do Piauí

LDB – Lei de Diretrizes e Base.

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01: Perfil das professoras	27
Quadro 02: Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético	31
Quadro 03: Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou escrita pelos/as alunos/as do ciclo alfabético	33
Quadro 04: Entrave ou avanço da aprendizagem da leitura nos alunos do primeiro ciclo.....	35
Imagem 01: Fachada da Escola municipal Celso Eulálio – Picos-PI.....	25
Imagem 02: Esquema de categorias e análises.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CICLO ALFABÉTICO: O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA	14
1.1 Ensinar e aprender no ciclo alfabético: algumas considerações.....	14
1.2 A criança no ciclo alfabético: etapas do desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita.....	18
1.3 Aprendendo a leitura e a escrita no ciclo alfabético: algumas estratégias motivadoras.....	20
2 METODOLOGIA: A TRILHA DA PESQUISA	24
2.1 Os Procedimentos de Análise de Dados	28
3 O CICLO ALFABÉTICO E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	30
3.1 Categoria de análise I - Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético.	30
3.2 Categoria de Análise II - Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou da escrita pelos alunos do ciclo alfabético.....	32
3.3 Estratégias eleitas para favorecer a superação dos desafios/dificuldades apresentadas na aprendizagem da leitura e/ou escrita por alunos no ciclo alfabético	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

A aprendizagem escolar é considerada um processo natural da criança, porém muitos alunos/as sentem dificuldades com relação ao desenvolvimento da leitura durante o ciclo alfabético (1º ao 3º ano do ensino fundamental I). Sabemos que as dificuldades apresentadas pelos alunos/as ganham outra conotação a partir do momento que são identificados bloqueios referentes à aquisição da leitura, o que evidencia certa deficiência no desenvolvimento da mesma como prática escolar.

Esse estudo é de grande relevância, pois faz referência ao papel da leitura para a formação social do ser humano bem como a função da escola e da família como instituições formadoras da criança e do processo de ensino/aprendizagem, porque a leitura constitui-se um dos avanços em busca do conhecimento sistemático e aprofundado.

A realização desse estudo foi norteada por questionamentos que possibilitaram refletir sobre: como os/as professores/as utilizam as estratégias de leitura no ciclo alfabético (1º, 2º e 3º ano)? Como são identificadas as dificuldades de aprendizagem em leitura apresentadas pelos alunos do ciclo alfabético na aquisição da leitura? Como as práticas pedagógicas dos/as professores/as do ciclo alfabético estão relacionadas aos entraves e/ou avanços da aprendizagem da leitura pelos alunos/as?

Seguindo por essa linha de pensamento foi objetivo geral da pesquisa analisar as práticas pedagógicas de professores/as do ciclo alfabético no que diz respeito ao ensino da leitura e como objetivos específicos buscamos identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos/as professores/as no ensino da leitura no ciclo alfabético; registrar os desafios da aprendizagem de leitura dos alunos do ciclo alfabético; refletir sobre as práticas dos/as professoras do ciclo alfabético relacionadas aos entraves e/ou avanços da aprendizagem da leitura pelos discentes.

O estudo foi desenvolvido na perspectiva da abordagem qualitativa, quanto aos objetivos, o método utilizado foi o método descritivo analítico tendo a observação direta como uma das técnicas de pesquisa utilizadas para a consecução dessa investigação, associada ao questionário semiestruturado aplicado às professoras do ciclo alfabético da Escola Municipal Celso Eulálio que fica localizada no centro da zona urbana da cidade de Picos. No que se refere à análise dos achados do estudo, trabalhou-se com a análise de conteúdo.

O embasamento teórico utilizado na construção deste estudo busca a constatação de que os autores pesquisados oferecem subsídios indispensáveis para a análise do ensino da leitura nos anos iniciais no contexto escolar. A pesquisa consta de uma revisão bibliográfica para a

fundamentação da temática abordada na qual nos referenciamos em autores como: A presente pesquisa está estruturada em três capítulos, além das palavras introdutórias e das considerações finais. A seguir, apresentamos a essência de cada um dos capítulos desse trabalho.

CICLO ALFABÉTICO: O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA, primeiro capítulo, traz algumas considerações teóricas sobre o ciclo alfabético e as fases de desenvolvimento e aprendizagem da leitura, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e algumas possibilidades metodológicas para ensinar leitura e escrita nessa etapa do ensino escolar.

No segundo capítulo, **METODOLOGIA: A TRILHA DA PESQUISA**, descrevemos o percurso metodológico eleito para a realização desse estudo. Empreende-se a verificação de como são identificadas as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura dos alunos que se encontram no ciclo alfabético através das atividades aplicadas pelos/as professores/as em sala de aula. Ponderamos e analisamos as práticas pedagógicas utilizadas pelos/as professores/as do ciclo alfabético apontando os entraves e/ou avanços no processo de desenvolvimento da aprendizagem da leitura pelos/as discentes, no terceiro capítulo.

E por fim apresentamos as considerações finais da pesquisa nas quais se aborda sistematicamente, os principais pontos desse estudo, apreciados a partir das reflexões construídas no desenvolvimento da investigação.

1 CICLO ALFABÉTICO: O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

A aprendizagem da leitura e da escrita não ocorre da mesma forma para todas as crianças e, dependendo da maneira como o processo de ensino é orientado, pode ocasionar dificuldades na aprendizagem de modo geral. A criança começa a desenvolver a escrita e a leitura antes mesmo de ingressar na escola, por meio da visão de mundo que ela presencia. Todavia a criança, ao ingressar na escola, se depara com a escrita ensinada de forma sistematizada, percebendo-a como se fosse uma atividade nova. Esse encontro requer uma elaboração de estratégias que visem o sucesso da aprendizagem. Nessa sessão, discorreremos sobre ensinar e aprender no processo de alfabetização infantil.

1.1 Ensinar e aprender no ciclo alfabético: algumas considerações.

A escola funciona baseada no código escrito, sendo a instrução escolar o pré-requisito necessário para o sucesso do indivíduo. Ao ingressar na escola, a criança será convidada a aprender a ler e a escrever, e este será o enfoque durante os seus primeiros anos da vida escolar, uma vez que para desenvolver-se no ambiente de ensino necessita dominar o código escrito e conhecer a linguagem formal.

O processo de alfabetização empenha-se em ensinar a criança a produzir frases, ampliar o seu vocabulário, utilizar sinônimos, embora, saibamos que, somente a aquisição da linguagem escrita não garante o sucesso na escola nem na vida do indivíduo, uma vez que ele precisa dar significado a tudo que aprendeu. É necessário que a criança e o adolescente, sejam capazes de compreender e interpretar textos, bem como, produzir textos próprios. Dessa maneira, a criança, torna-se leitor/a ao conseguir atribuir significado e sentido ao que ler e ao que escreve.

A escrita é um desafio para a criança na alfabetização, pois como reforça Cagliari (1997), a escrita seja ela qual for, tem por objetivo primeiro a leitura que é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Mesmo sabendo que devem aprender a escrever, é muito importante que aprendam o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, a arbitrariedade dos símbolos, a convencionalidade que permite a decifração, as relações variáveis entre letras e sons que permitem a leitura. Enfim, é preciso saber o processo de aquisição da leitura e da escrita.

As crianças vivem em contato com vários tipos de escrita no seu dia-a-dia. Então cabe ao professor/a, juntamente com os alunos, refletir sobre as possibilidades da escrita, e observar que marcas, muito individuais, restringem a possibilidade de leitura e que, para facilitar a comunicação entre todas as pessoas de uma sociedade, é que se estabeleceu um código de escrita que utiliza as letras. Logo, é indispensável o conhecimento sobre esse código de comunicação, assim como é indispensável propiciar as condições dignas de aprende-lo no ensino escolar, respeitando as individualidades e as experiências de cada criança. Assim, o/a professor/a tem que estar atento/aa todo o processo de escrita dos seus alunos, elegendo as possibilidades de superar os desafios com vistas no sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita.

Diante dos desafios no processo de alfabetização valida-se a necessidade do envolvimento da família com a escola com reciprocidade no desenvolvimento das atividades e no acompanhamento diários dos avanços e dos desafios emergentes no processo de aprendizagem. É importante que todos os envolvidos no processo educativo estejam atentos a essas situações, observando suas particularidades e ocorrências. Esse registro é primordial para o planejamento das estratégias de ensino da leitura e da escrita.

Determinar uma metodologia que motive a aprendizagem é algo um pouco complexo, uma vez que cada aluno tem a sua história de vida, tem as suas dificuldades particulares. O/a professor/a deverá saber identificar as barreiras, procurando adaptar suas aulas motivando o aluno, estando atento, tentando aperfeiçoar o momento e transformá-lo em algo prazeroso, deixando com que o/a aluno/a seja participativo/a. Segundo Libâneo (2008, p. 29):

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam atividades conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

A relação docente-discente é primordial para o processo de ensino. A confiança e o respeito mútuos são essenciais. A criança observa a pessoa adulta em busca do reconhecimento e da admiração. Dessa maneira, o/a professor/a precisa saber coordenar essa convivência fortalecendo laços, potencializando as condições favoráveis e compatíveis com os objetivos da etapa escolar, ou seja, a alfabetização, uma vez que a criança acaba admirando e tendo o/a professor/a como o seu exemplo, acreditando e tomando como sua verdade tudo aquilo que o/a educador/a diz.

O/a professor/a precisa deixar o/a aluno/a refletir e dialogar, tirar suas dúvidas, pois os/as educadores/as também aprendem com as dúvidas dos/as alunos/as. Por isso, para

ensinar, é necessário que o/a professor/a esteja aberto também para aprender, pois quando o/a aluno/a participa das aulas ele/a se sente parte do processo e se motiva. No momento de ensinar o/a docente precisa perceber que não é somente falar e transferir informação ao discente, mas que o que está sendo passado deverá fazer parte da vida do/a aluno/a, de sua realidade, segundo Antunes (2008, p.30):

Ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.

Uma aula que seja essencial para os/as alunos/as aprenderem é aquela em que o/a professor/a consegue identificar os obstáculos, os desafios e procura desenvolver atividades que motivem o/a aluno/a estar ali, naquele momento, interagindo e aprendendo com as experiências dos/as colegas e do/a próprio/a professor/a. Não se pode dizer que uma aula foi proveitosa sem o diálogo, o escutar, o tirar dúvidas. Por isso cabe ao professor/a se qualificar e procurar estar atento/a às mudanças e aos próprios/as alunos/as, sabendo observar e coletar informações para sempre estar adequando suas metodologias, caso necessário.

A prática pedagógica é uma atividade humana e como tal, centra-se em caráter contextualizado, social e histórico. A teoria está em consonância com o cotidiano, num constante processo de discussão e reflexão crítica. A aprendizagem, nesta ótica, torna-se plena de significados. O/a professor/a, muitas vezes, ainda está arraigado ao modelo de sua formação e poucos percebem que os problemas que surgem na sala de aula e na escola, estão em função da própria ação docente diante do conhecimento.

As dificuldades que se apresentam no fazer docente com os alunos, como o desinteresse da família, repetência, condições econômicas precárias, dentre outras, são muitas vezes, atribuídas a causas alheias à formação e a prática pedagógica. Esses condicionamentos são influentes, é preciso que sejam levados em conta, discutidos coletivamente, assim como é preciso trabalhar com o/a professor/aa necessidade de construção de novas competências pedagógicas, de aperfeiçoamento de recursos humanos, de capacitação em serviço.

Nessa visão é possível entender que as novas competências pedagógicas se originam na própria prática, no debruçar-se sobre ela, no movimento dialético ação-reflexão-ação, evitando percursos que se destinam para uma atividade apenas funcional, operativa. Na verdade, busca-se a construção de uma prática pedagógica que seja reflexiva, crítica e criativa. Para isso é preciso considerar que o planejamento de programas de formação em

serviço exige a definição do/a professor/a e a respectiva competência dele exigida, da abordagem de currículo mais moderno dos conhecimentos exigidos atualmente e interesses de profissionais envolvidos. Nesse viés, pontuamos que o contexto escolar tem muito a contribuir com essa formação, essa prática e especialmente com essa construção de processos de ensino e de aprendizagem que atendam suas demandas específicas.

Vygotsky (2001) evidencia a função da escola para o desenvolvimento do indivíduo através do ensino aprendizagem, demonstrando que é em seu interior, que serão substanciados os saberes cotidianos em saberes científicos, sendo que esses últimos correspondem àqueles construídos no âmbito extraescolar e estes se referem aos saberes construídos no interior das escolas, o saber sistematizado, bem elaborado o saber socialmente “aceitável”, que sofre modificações no espaço da escola e posteriormente se tornam instrumentos de interação e mudança social.

Dessa forma, a presença do/a adulto/a, do/a outro/a, é sempre muito relevante na apreensão do conhecimento e na construção social de cada indivíduo. Nessa perspectiva Rego (1999) aponta que o desenvolvimento do aprendizado do aluno incide na participação do adulto, seja ele o professor, os pais, outros adultos que convivem com os alunos. Diante desses aspectos revelados, a criança constrói seus conhecimentos numa relação dialética com o mundo em que vive.

Assim não é apenas a escola que contribui nesse aprendizado, mas é uma somatória de atividades que a criança vivencia permitindo apropriar-se do conhecimento. Portanto, a escola assume papel destacado no processo educativo através da elaboração do conhecimento sistematizado que favorece o desenvolvimento do/a aluno/a, diante da sociedade. É a partir do domínio da leitura e escrita que o ser humano constrói a sua sobrevivência.

A participação dos pais junto aos filhos/as é a primeira associação possível entre o mundo da família e o da escola para que a criança inicie sua escolarização, é aquela entre a socialização primária e socialização secundária. O ambiente familiar representa um papel importante no desenvolvimento do ser humano, especialmente na formação de atitudes e hábito, pois como acrescenta Rego (1999), a imitação desempenha aspecto relevante na formação da personalidade da criança e o contato com o/a adulto/a possibilita o aprendizado em dimensões significativas.

Visto que se vive numa sociedade letrada, onde se revela a valorização da leitura, essa competência na criança pode ser aprendida no ambiente familiar quando os pais são bons leitores, desde que aconteçam situações promotoras desse encontro, assim como, em situações adversas, é possível que as crianças adquiram o hábito da leitura, especialmente porque

podem ser motivadas a isso. A seguir, apresentamos algumas ideias sobre as etapas de desenvolvimento e da aprendizagem da leitura e da escrita das crianças no ciclo alfabético.

1.2 A criança no ciclo alfabético: etapas do desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita

A aprendizagem da leitura e da escrita, segundo enfoque psicogenético, no processo de alfabetização apoia-se nas aquisições linguísticas. Mesmo considerando as diferenças nos contextos sociais, as crianças, tem contato com a leitura e a escrita expressando e estimulando seu interesse sobre os códigos da língua e da comunicação. Considerando essa aproximação, o ensino da leitura e da escrita não deve fazer com que sua aprendizagem seja um fardo pesado para a criança, onde ela possa vir a sentir-se dessas ferramentas tão importante para a vida.

Nos estudos de Emília Ferreiro encontramos explicações sobre o processo evolutivo de ler e escrever segundo níveis crescentes de contextualização intelectual.

[...] criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta, e que tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática [...] (FERREIRO, 1985, p.22).

Ao ser aventurado no mundo linguístico, a criança traça, a seu modo, o seu caminho, criando o que lhe é permitido fazer com a linguagem. É um processo pessoal, particular, que traduz seu modo de ser, de estar e de viver no mundo. É importante frisar, que a presença e o papel da pessoa adulta são importantes e necessários, porém, devemos enaltecer que a criança pensa diferente do/a adulto/a em relação à escrita. Essa trajetória a ser percorrida pela criança segue cinco níveis que têm características peculiares, até chegar à hipótese alfabética, a saber:

Nível 1 – hipótese pré-silábica. A leitura é entendida pela criança através de desenhos, e gravuras. A criança não diferencia as gravuras e as escritas, faz garatujas que significam a escrita e até mesmo o desenho para representar qualquer objeto. Nesta fase a criança vem sempre utilizando as mesmas letras ou números, diferentes e variadas, uma vez que ambas, podem ser lidos, mesmo pertencendo a um sistema de escrita diferente. “[...] Todos os nossos simbólicos não icônicos estão constituídos por combinações de dois tipos de linhas: pauzinhos e bolinhas. Mas alguns são chamados de letras e outros de números”. (FERREIRO, 1992, p. 10).

A criança não conhece o valor sonoro convencional e relaciona o nome dos objetos e de pessoas com o seu tamanho, geralmente uma letra vale como uma palavra e não consegue distinguir letras de números.

Nível 2 – intermediário. É o início da relação entre escrita e a imagem, nesta fase a criança não mistura mais os números com as letras. Ao aprenderem os nomes de algumas letras, algumas crianças começam a se desligar da leitura global, mas não conseguem aplicá-los rigorosamente.

A possibilidade de se considerar as propriedades quantitativas da escrita, para adaptarmos a interpretação dada, precede regularmente na evolução, a possibilidade de se levar em consideração às propriedades qualitativas. Exceto em casos excepcionais, isto ocorre não apenas para crianças em idade pré-escolar, mas também para crianças a frequentar a escola primária. (FERREIRO, 1992, p. 78/79).

A criança, nesse nível, não observa a segmentação de uma frase, logo, a forma como a frase esta copiada não muda o significado na visão da criança, ou seja, se a frase estiver copiada com palavras juntas ou separadas será a mesma coisa.

Nível 3 – hipóteses silábicas -A descoberta nesse nível é que pode haver relação entre a palavra e a quantidade de partes da pronúncia oral. A escrita é percebida como a representação gráfica dos sons da fala e, a criança já constrói uma hipótese abordando a escrita, sendo que para cada sílaba falada corresponde a escrita de uma letra. “[...] está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba”. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 192).

Inicialmente, as crianças não obedecem a uma direção para a escrita e nem mesmo para a leitura, supondo que a escrita representa a fala. Representa uma letra para cada pronúncia oral, mas sua preocupação está mais em resolver quantas letras precisa para escrever uma palavra. Há a ideia de que conforme o tamanho do objeto será o tamanho da palavra.

Nível 4 – silábico-alfabético- A criança está em conflitos porque ela escreve e ninguém consegue ler. Às vezes escreve palavras que tenham só vogais ou até mesmo só consoantes. Nessa fase comete erros construtivos, abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias [...] e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábicas (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985).

A criança se apresenta como resultado da própria atividade cognitiva da aprendizagem, sem depender de métodos e técnicas de ensino, pois os resultados são semelhantes independentes da criança frequentar a escola ou não. Os métodos podem facilitar ou dificultar a aprendizagem da criança.

Nível 5 – hipótese alfabética—Ao conseguir fazer a correspondência entre fonema e grafema e compreender que uma sílaba pode ser formada por duas ou três letras, a criança alcança certo domínio ortográfico utilizando o código de construção da língua e também compreende o valor sonoro de todas ou quase todas as letras.

A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”, compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai crescer. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas; a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido restrito (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 213).

É importante propiciar atividades de exploração da leitura e da escrita, pois, a prática é necessária para a aprendizagem. Pontuamos que há o tempo necessário para cada etapa ser alcançada, assim, a criança precisa ser respeitada ao mesmo tempo em que precisa ser motivada a experimentar, ou seja, ela precisa ler para aprender a ler, assim como, precisa escrever para aprender a fazê-lo.

Ressaltamos, dessa forma, a importância das estratégias promotoras da aprendizagem da leitura e da escrita, elaboradas de forma sistematizada pela escola e que associadas a ações motivadoras nos contextos extraescolares que podem contribuir para o sucesso do ciclo alfabético.

1.3Aprendendo a leitura e a escrita no ciclo alfabético: algumas estratégias motivadoras

No trabalho de alfabetização é preciso e necessário levar em conta o processo de ensino e aprendizagem de maneira equilibrada e adequada para o desenvolvimento das habilidades do indivíduo na interpretação do contexto sociocultural em que vive. É preciso ampliar o universo da leitura e da escrita como forma de valorização do ser pensante. É necessário que os educadores se preocupem com a formação integral do educando mediando o conhecimento dos alunos para exercerem sua cidadania, como cita Cagliari “Ser um mediador é ajudar o aprendiz a construir seu conhecimento, passando a ele as informações adequadas, explicando

o que tem de ser explicado” (CAGLIARI, 1998 p. 55). A partir do momento que a criança sistematiza conhecimento, ela aprende a usar a língua nas diversas práticas sociais de leitura e escrita e adquire a compreensão do que lê. Assim, as práticas educativas deverão desenvolver na criança habilidades para aprender a ler e a escrever, levando-a a conviver com práticas reais de leitura e escrita. Esta compreensão inicia-se muito antes da criança chegar à escola, na sua convivência diária e nas relações sociais. No contexto escolar ela tem a oportunidade de sistematizar o conhecimento enriquecendo-o dando-lhe sentido, com a mediação do professor.

Segundo a professora Cláudia Molinari (2008) precisamos fazer ponderações sobre a forma como as crianças constroem o conceito da escrita e da leitura. "Com esse conhecimento o professor pode fazer intervenções conscientes e permitir que a criança complete o processo que a levará a alfabetizar-se". Construir o conhecimento desse processo tem relação direta com o uso de estratégias e a criação de um ambiente que favoreça a alfabetização.

Uma estratégia é expor as crianças a materiais escritos em diferentes gêneros e estimular, por meio de atividades de registro, que reflitam sobre sua própria escrita e troquem informações com seus colegas. Esse procedimento, quando feito com a ajuda de intervenções conscientes dos professores e acompanhado de um ambiente propício, com disponibilidade e uso de materiais escritos e gráficos, permite que a criança tenha uma alfabetização autônoma e liberta da necessidade de aprender os sons e as letras de maneira formal anteriormente. (MOLINARI, 2008, p. 18).

A importância da leitura no processo de alfabetização é indiscutível, uma vez que é nas séries iniciais do Ensino Fundamental que se introduz o educando no mundo da leitura. Nessa fase, as crianças aprendem a ler e a escrever, tendo essas habilidades trabalhadas e consolidadas ao longo da vida escolar. O/a professor/a deve se posicionar no seu papel de intelectual transformador/a e elaborar meios de despertar o interesse dos/as educandos/as pela leitura, só assim poderá contribuir para a construção de uma sociedade leitora.

Para Silva (1987), ler é, em última instância, não só uma tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (SILVA, 1987, p. 45).

Com a inserção da criança no mundo da leitura numa sociedade cada vez mais dinâmica e informada, ela não se contenta em aprender com os velhos métodos escolares, pouco atrativos e tampouco em se situar passivamente no processo de aquisição da leitura. KLEIMAN (2002) resume bem a posição do educando no processo de leitura. Segundo a autora, o/a aluno/a poderá tornar-se ciente da necessidade de fazer da leitura uma atividade

caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento, em vez de uma mera recepção passiva.

Ler é sempre a busca por um saber, ao passo que nessa busca o/a leitor/a tem que encontrar um significado. Essa significação por sua vez depende do que o mesmo já conhece sobre o assunto. No processo do ato da leitura o leitor dialoga com o autor, e isso só é possível porque ele já possui um conhecimento anterior, ou seja, o leitor é ativo no processo da leitura, porque utiliza seu conhecimento prévio, sua noção sobre o que lhe foi exposto. Toda leitura deve ser provida por um sentido e, no transcorrer da mesma, o/a leitor/a deve lhe atribuir significados, criar expectativas e expressar suas opiniões, concordando, outras vezes discordando, mas há de se salientar que, ao final da leitura, o leitor já não é mais o mesmo, e é nessa transfiguração que está o cerne da leitura.

Alegria, tristeza, curiosidade, ansiedade, medo... várias sensações são experimentadas. Mas o prazer, a atração pelo texto tem que acontecer. Para o leitor, este tem que ser interessante para que possa compreendê-lo. Com a compreensão, o leitor é capaz de fazer inferências, expressar seu ponto de vista, e isso é que faz o diferencial e ao mesmo tempo uma experiência única para cada leitor. Na concepção de Paulo Freire, a alfabetização é um meio para a conscientização do homem como criador de cultura, para a abertura de horizontes e para o abandono de uma posição passiva diante da sociedade, a partir do momento em que se apodera da escrita e a utiliza como um meio de expressão e libertação.

Segundo Soares (1985), essas concepções possuem principalmente duas formas de encarar a questão:

A primeira define a alfabetização como um processo mecânico: a codificação da linguagem oral na linguagem escrita e a decodificação da linguagem escrita em linguagem oral (leitura). Uma segunda visão do processo de alfabetização entende como apreensão e compreensão do mundo. (SOARES, 1985, p. 53).

Durante esse processo de construção do conhecimento, o/a professor/a tem um papel decisivo, por isso a necessidade de ser criativo/a e usar de sua experiência, para elaborar estratégias que instiguem nas crianças a busca pela leitura. Esse/a profissional que também acompanhou as transformações da educação teve seu papel modificado, desempenhando uma postura não mais vertical. Na nova configuração de mediador/a, o/a professor/a deve desempenhar um papel motivador, ser capaz de provocar nos/as educandos/as questionamentos através de sua interação com os mesmos e estar apto a aberturas e proposições de novas metodologias de trabalho.

No que tange a aprendizagem e a leitura, Barbosa (1992) define o papel do/a professor/a como:

O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um. Tem também de conhecer a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno aprender a ler. (BARBOSA, 1992, p. 137)

O ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças e que tenha significado para elas. O papel do professor como mediador e do outro como forma de interação são considerados primordiais por Vygotsky. Esse autor, considera que existe um momento crítico na passagem dos simples rabiscos para o uso das grafias como sinais que representam ou significam algo. A criança passa a atribuir um significado ao desenho, porém ainda o encara como um objeto em si e não como uma representação, um símbolo.

Para Vygotsky (1998), os símbolos de primeira ordem denotam diretamente objetos ou ações e os símbolos de segunda ordem compreendem a criação de sinais escritos representativos dos símbolos falados das palavras. Para que a criança consiga alcançar o segundo estágio, é necessário que ela descubra que além de desenhar as coisas, ela também pode desenhar a fala.

O segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural, pois quando ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, restando, então, aperfeiçoar esse método. Dessa maneira, torna-se importante, trabalhar desde cedo, com as crianças, as especificidades da língua escrita, como a escrita da esquerda para a direita, de cima para baixo, as diferenças entre letras e números, os espaços entre as palavras.

O ensino da língua escrita pode partir da pré-escola, conforme propõe Vygotsky(1998), pois crianças mais novas são capazes de descobrir a função simbólica da escrita. Entre 3 e 6 anos de idade as crianças têm domínio de signos arbitrários e progresso na atenção e na memória. O que propomos é “ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita das letras”. (Vygotsky, 1998, p.157). Que a aprendizagem seja uma descoberta durante as situações de brincar e que aprendam a ler e a escrever da mesma maneira que aprenderam a falar. Na sequência dessa tessitura, abordaremos o percurso metodológico da nossa pesquisa.

2 METODOLOGIA: A TRILHA DA PESQUISA

A trilha da pesquisa revela o caminho percorrido durante nosso estudo. Essa trajetória nos revela o método que utilizamos enquanto possibilidade para a concretização da investigação. Neste capítulo, apresentamos a metodologia que utilizada nesse estudo, apresentando, definindo e justificando nossa abordagem, caracterizando-a, identificando o campo da pesquisa, os instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados, os sujeitos da pesquisa, respectivamente.

Realizamos uma pesquisa qualitativa que do ponto de vista da autora Minayo (1999 p. 21) essa abordagem “responde a questões particulares e se preocupa com o nível da realidade que não pode ser quantificada”. Nessa perspectiva se fez necessário realizar uma pesquisa qualitativa para que houvesse uma maior imersão na realidade educacional estudada, possibilitando conhecer as crenças, os valores que norteiam a prática pedagógica dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. (RICHARDSON, 1999, p. 90).

Nessa panorâmica, a pesquisa qualitativa requer um estudo mais detalhado sobre o fenômeno estudado, dessa forma o pesquisador busca extrair os reais significados e características dos entrevistados. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa não busca apenas contatar uma realidade concreta, mas objetiva-se conhecer a subjetividade, as convicções dos interlocutores/as da pesquisa que resultam nas posturas observadas.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Celso Eulálio que fica localizada na Praça Josino Ferreira nº 356, bairro Centro na cidade de Picos – Piauí (FOTO 01), a mesma atende alunos do ensino fundamental I nos turnos da manhã e tarde.

A escola municipal Celso Eulálio foi fundada em 2005, no mesmo prédio já funcionou a prefeitura municipal e o colégio Padre Madeira. Esta atende alunos do ensino fundamental I, nos turnos da manhã de 07h00min as 11h00min e tarde no horário das 13h00min às 17h00min.

Imagem 01: Fachada da Escola Municipal Celso Eulálio – Picos/PI.



Fonte: Arquivo pesquisador, 2015.

A escola caracteriza-se em um estabelecimento de ensino público, atende ao todo 240 alunos nos dois turnos. Possui 17 professores sendo 02 professores reservados ao horário pedagógico que a LDB, inciso V, do Art. 67 da Lei 9394/96, estabelece como “período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho”, sendo que todos os educadores possuem ensino superior completo, em diversas áreas do conhecimento tais como: Pedagogia, Artes, Normal Superior e Educação Física, 50% dos educadores estão fazendo especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar.

Conta também com 01 diretora, com um ano de experiência no cargo atual e já atuou como professora durante 03 anos está cursando história e não possui nenhuma especialização; 01 coordenadora que atua no cargo há 01 ano é formada em pedagogia com habilitação em gestão escolar; 03 zeladoras todas com ensino médio completo, 02 vigias ambos com ensino fundamental completo e 01 secretária com ensino médio completo. A escola possui uma rampa logo na entrada, para facilitar o acesso das pessoas deficientes. Na

parte interna possui uma diretoria; uma sala para os professores; seis salas de aula; um laboratório de informática, uma cantina, dois banheiros e uma pequena área de lazer. Podemos caracterizar a comunidade que mora próxima e frequenta a escola como de nível médio baixo, com pouca ou nenhuma formação.

Considerando a questão norteadora desse estudo, assim como os objetivos propostos, elegemos como instrumento de coleta de dados, o questionário, que segundo Gil (2011, p. 121) é “um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos presente ou passado”.

Os questionários possibilitam a coleta de informações necessárias, essenciais e complementares, Fiorentini e Lorenzato (2007, p. 117) afirmam:

Os questionários podem servir como uma fonte complementar de informações, sobretudo na fase inicial e exploratória da pesquisa. Além disso, eles podem ajudar a caracterizar e a descrever os sujeitos do estudo, destacando algumas variáveis como idade, sexo, [...].

Através do questionário pode se fazer uma análise dos envolvidos para a realização da pesquisa, como refletir sobre as informações absorvidas para fazer um estudo mais avançado através do que foi exposto pelos entrevistados e assim desenvolver o tema em questão que realmente interessa ao pesquisador.

Realizamos a aplicação do questionário após terem sido acertados os detalhes da investigação com o grupo de professoras. Em conversa inicial, apresentamos nossa proposta de estudo, nossas questões e inquietações assim como os nossos objetivos. Fizemos os esclarecimentos necessários para garantir a participação e a preservação de suas respectivas identidades. Acordamos, ainda, a data para entrega e para o recebimento dos instrumentos (questionários). Obedecendo as necessidades peculiares das professoras, nos disponibilizamos a comparecer ao ambiente de trabalho para a entrega e para o recebimento dos questionários. Assim, nossos encontros aconteceram na escola campo da pesquisa.

Dessa maneira, elaboramos e aplicamos um questionário com perguntas abertas que de acordo com Richardson (2007 p.192) “caracteriza-se por perguntas ou afirmações que levam o questionado a responder com frases ou orações”. Assim, o pesquisador não interfere nas respostas, considerando que o questionário não foi respondido na presença do investigador, dessa forma o questionário também tem como objetivo determinar as informações de forma natural, permitindo que a pessoa questionada responda naturalmente e possa emitir sua

opinião. As informações coletadas subsidiaram a elaboração dos perfis identitários dos sujeitos dessa pesquisa.

Após a realização do reconhecimento e identificação do local, sujeitos participantes e informantes da pesquisa que no caso foram 03 (três) professores/as que atuam na Escola Celso Eulálio no turno da tarde do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. Desse modo, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, os mesmos serão identificados pelas letras do alfabeto “A” “B” e “C”. O perfil identitário das professoras é apresentado no Quadro 01.

A seleção das professoras teve como critério a experiência no ciclo alfabético, ou seja, atuar em uma das séries desse ciclo. A realidade da escola campo desse estudo possibilitou agrupar três professoras, dessa etapa escolar, atuando no mesmo turno e esse fundamento foi elemento importante para a definição do grupo de sujeitas porque viabilizou nosso encontro inicial, quando tratamos das informações sobre o estudo, assim como otimizou o tempo para entrega e recebimento dos questionários.

Quadro 01 –Perfil Identitário Das Professoras

Identificação dos professores	
Professora A	1º Ano Sexo: feminino Graduação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia.
Professora B	2º Ano Sexo: feminino Graduação em Artes Visuais, especialização em Gestão Escolar.
Professora C	3º Ano Sexo: feminino Graduação em Pedagogia

Fonte: Pesquisador, 2015

Percebemos, a partir das informações sintetizadas no Quadro 01, que o grupo de interlocutoras é formado por 03 (três) professoras, sendo duas graduadas em Pedagogia e uma

graduada em Artes Visuais. Duas professoras são pós-graduadas, sendo uma especialista em Psicopedagogia e outra especialista em Gestão Escolar.

2.1 Os Procedimentos de Análise dos Dados

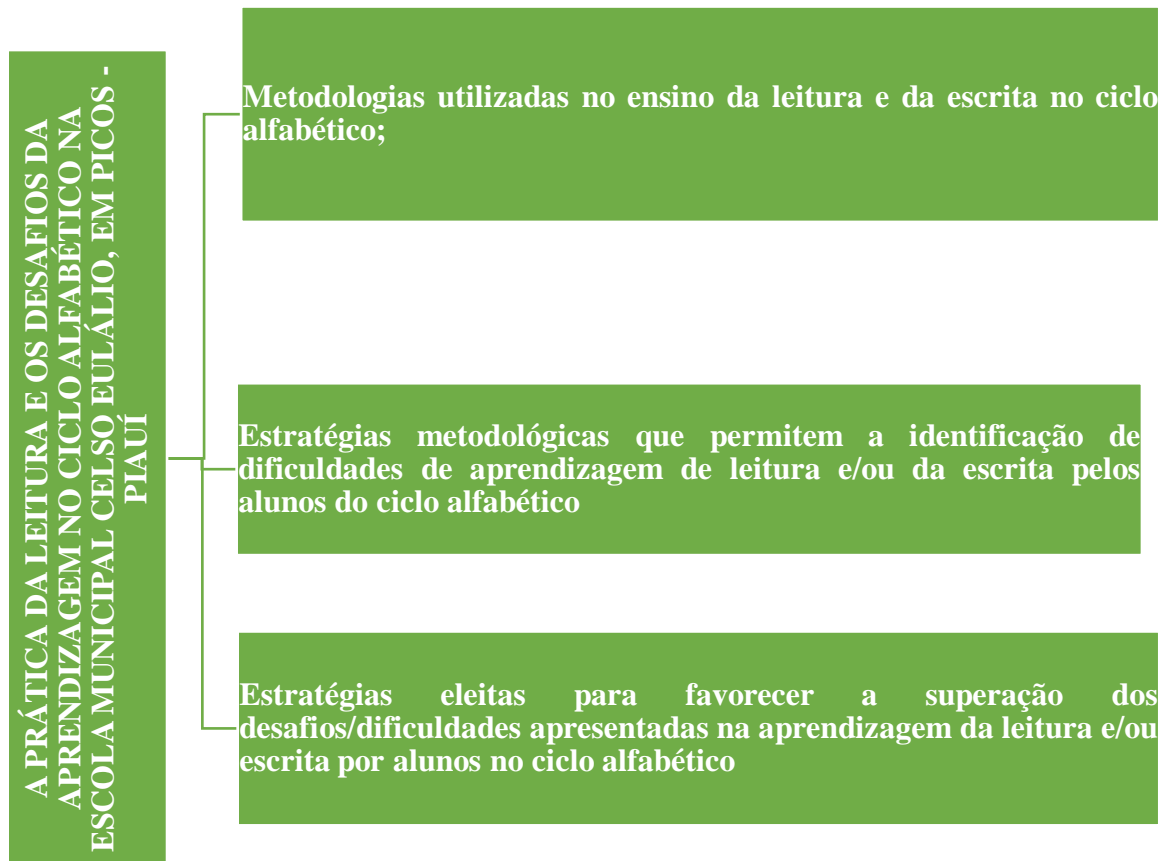
A análise e discussão dos dados é uma etapa fundamental da pesquisa qualitativa, pois se constitui, no momento do pesquisador analisar cuidadosamente as informações concebidas pelos sujeitos da pesquisa, articulando essas informações aos objetivos do trabalho e a fundamentação teórica que alicerçou o mesmo. No questionário abordamos questões inerentes à nossa problemática, desde a formação até a metodologia utilizada pelas professoras participantes no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético.

Os achados da pesquisa foram abordados a partir da análise de conteúdos conforme as recomendações de Bardin (1977, p.95): “as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organiza-se em torno de três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação”. Logo, organizamos nossas categorias, a saber:

- a) Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético;
- b) Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou da escrita pelos alunos do ciclo alfabético; e
- c) Estratégias eleitas para favorecer a superação dos desafios/dificuldades apresentadas na aprendizagem da leitura e/ou escrita por alunos no ciclo alfabético.

As categorias foram definidas a partir da semelhança entre as informações, ou seja, informações parecidas, complementares que puderam ser agrupadas, uma vez que fizemos análise dos dados a partir das categorias em conformidade com os propósitos da investigação, pois segundo Minayo (2007), a categorização nos dá condições de apreender as determinações e particularidades que se manifestam na realidade empírica. Nesse percurso, aspirando os objetivos a que nos propusemos, apresentamos a análise e interpretação dos dados da pesquisa, a partir das categorias de análises (Imagem 02).

Imagem 02: Esquema de categorias de análises.



Fonte: Pesquisador, 2015

No próximo Capítulo explicitamos informações acerca da “PRÁTICA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO CICLO ALFABÉTICO NA ESCOLA MUNICIPAL CELSO EULÁLIO, EM PICOS – PIAUÍ” a partir das categorias: Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético; Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou da escrita pelos alunos do ciclo alfabético; e estratégias eleitas para favorecer a superação dos desafios/dificuldades apresentadas na aprendizagem da leitura e/ou escrita por alunos no ciclo alfabético tecendo algumas reflexões à luz do nosso referencial teórico.

3 O CICLO ALFABÉTICO E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Neste capítulo apresentamos os resultados da pesquisa empírica que tem por objetivo analisar as práticas pedagógicas de professores/as do ciclo alfabético no que diz respeito ao ensino da leitura tendo por base as categorias: Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético; Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou da escrita pelos alunos do ciclo alfabético; Estratégias eleitas para favorecer a superação dos desafios/dificuldades apresentadas na aprendizagem da leitura e/ou escrita por alunos no ciclo alfabético.

3.1 Categoria de análise I - Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético

De acordo com Freire (1984), aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo e a compreender o contexto, não só em uma manipulação mecânica de palavras, mas com um complemento necessário que é a relação ativa que conecta linguagem e realidade. Portanto, se faz necessário que seja trabalhada a produção textual, baseada em temas que sejam relevantes para o aluno, ou seja, de acordo com a realidade em que ele está inserido, pois dessa forma ele irá produzir e não somente decodificar símbolos.

Por sua vez, Martins (2003) ressalta que o ato de ler é relacionado com a escrita, sendo que o leitor é visto como decodificador da letra. Se a leitura for entendida como argumenta Martins, uma atividade de decifração de códigos, não serão levadas em consideração as experiências, o conhecimento prévio da criança, a sua análise e interpretação, e ela seria vista como uma decodificadora e uma única mensagem contida no texto.

A partir da ideia dos autores, pode-se resumir leitura em dois conceitos: decodificação mecânica de signos linguísticos a partir do conhecimento estímulo-resposta ou como artifício de compreensão mais intensa, cuja dinâmica envolve artifícios sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, assim como culturais, econômicos e políticos. As duas concepções são necessárias, pois decodificar sem compreender é inútil e compreender sem decodificar é impossível.

Nesse contexto, a leitura é de grande importância para o aprendizado, pois este é adquirido através de métodos e técnicas bem estruturadas que levem o leitor ao conhecimento científico e a possibilidade de reflexão. É também uma das maiores forças do vocabulário e expressão envolvendo e informando o leitor com ideias, as quais lhe darão abordagens

compreensivas para o crescimento cultural do qual depende o seu progresso na vida. Diante disso vê-se a importância do papel do professor em sala de aula, principalmente no primeiro ciclo alfabético, pois dependendo das técnicas adotadas na metodologia trabalhada em sala de aula, tanto ele pode ajudar o aluno a se desenvolver como atrapalhá-lo e atrofiá-lo por toda sua vida escolar, pois o primeiro ciclo é considerado como alicerce, ou seja, a base para o sucesso ou fracasso escolar.

No quadro 02, apresentamos uma síntese das respostas das professoras sobre as metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético no contexto da Escola Municipal Celso Eulálio, em Picos Piauí.

Quadro 02: Metodologias utilizadas no ensino da leitura e da escrita no ciclo alfabético

Métodos utilizados	
Professora A	Não tenho nenhum método específico, procuro adapta-lo com a necessidade do aluno, baseio na junção de sílabas simples, memorização de sons e cópias. A leitura é um processo contínuo que depende de várias metodologias e estratégias.
Professora B	Leitura compartilhada é uma boa opção. A criança tem o escrito (texto) e a imagem (os desenhos e/ou quadrinhos) para associação. Eles falam o que compreenderam, depois começam uma socialização do que fora visto com os outros colegas. Leitura em voz alta pelo professor e depois intercalada entre os alunos.
Professor a C	Leio histórias infantis em voz alta, coloco-os para soletrar as palavras, peço para lerem ao meu lado e também escreverem estorinhas.

Fonte: Pesquisador, 2015

Analisando as técnicas utilizadas no ciclo alfabético que corresponde do 1º ao 3º ano foi possível identificar que as professoras responsáveis pelas turmas pesquisadas estão conscientes que para as crianças compreenderem importância da leitura, se faz necessário que a mesma seja significativa para elas, pois só assim se interessam pelo que está aprendendo e passa a prestar atenção na escrita das palavras, quando começam a fazer sentido no texto.

Percebemos que a professora A, pauta sua prática docente na aprendizagem das letras e das sílabas, realizando técnica de soletração e também cópias. Porém, merece destaque a expressão de que procura valorizar a necessidade do aluno. Ela enfatiza a importância da

sondagem diagnóstica para identificar as hipóteses de escrita dos alunos, que são necessárias no início do ano e a cada mês para acompanhar a evolução deles. Essa técnica pode se constituir em uma estratégia para direcionar as intervenções que devem ser feitas ou não, pois a partir dessa análise o/a professor/a planeja sua aula da melhor forma possível para alcançar o objetivo que é a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Por sua vez, as professoras B e C, utilizam estratégias de leitura e interpretações, bem como leituras coletivas. Privilegiam momentos de leituras dos alunos, assim como momentos de escuta de outras leituras. Freire (1984) defende que não basta somente o professor ler para o aluno diariamente, pois esse método não a leva a despertar o gosto pela leitura, saber ler e escrever ou produzir texto porque para que isso aconteça se faz necessário conduzir a leitura de um jeito específico assim o aluno se interessa pelo assunto e possa produzir um bom texto.

Ao permitir que os alunos falem, leiam, as professoras B e C estão utilizando elementos da própria linguagem do/a aluno/a para que ele/a possa compreender a qual gênero pertence como começa e quando termina a história, como se dar a trama e até mesmo como se caracteriza as personagens fisicamente e psicologicamente. Nesse sentido Vygotsky (1998), defende que a interação entre os alunos com diferentes níveis de conhecimento possibilita a troca de informações, favorecendo assim a aprendizagem.

3.2 Categoria de Análise II - Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou da escrita pelos alunos do ciclo alfabético

Morais (1997) esclarece de maneira clara a questão do código escrito em si, como processo inicial da leitura, que envolve o discernimento visual dos símbolos impressos, no caso as letras e a associação entre palavra impressa e som, é chamado de decodificação e é indispensável para que a criança aprenda a ler. No entanto, sabe-se que não basta apenas atingir a decodificação dos símbolos impressos, é indispensável compreender a análise crítica do material lido, pois, sem a o discernimento, a leitura deixa de ter interesse e de ser uma atividade motivadora, pois nada tem significado ao “leitor”. Portanto, uma leitura só é realmente realizada se a criança compreender o sentido do que está lendo.

Em muitas situações de ensino e aprendizagem as crianças não conseguem atender às expectativas das professoras e nesses casos fazem-se necessárias algumas reflexões sobre a própria prática docente, bem como a utilização de alternativas metodológicas com vista no envolvimento de todas as crianças no processo de alfabetização e especialmente na superação das possíveis dificuldades emergentes ao longo desse processo. No Quadro 03 apresentamos

as atividades eleitas pelas professoras participantes desse estudo para identificar as dificuldades de aprendizagem de leitura no ciclo alfabético.

Quadro 03 – Estratégias metodológicas que permitem a identificação de dificuldades de aprendizagem de leitura e/ou da escrita pelos/as alunos/as do ciclo alfabético

Como são identificadas as dificuldades de aprendizagem de leitura nos alunos.	
Professora A	Utilizo atividades com rimas, verificando a pronuncia, ortografia (escrita), a leitura por si só já é um mecanismo de análise onde dar para perceber clareza, fluidez, segurança e as dificuldades.
Professora B	A falta de interesse em sala, o comportamento exacerbadamente inquieto, é fruto do “não-saber-ser”, logo, esse aluno se torna avesso a tudo que diz respeito à leitura.
Professora C	Quando não querem ler para a professora ou a turma.

Fonte: Pesquisador, 2015

Quando a criança interpreta o que ler, verdadeiramente a leitura teve significado para ela. Quando se diz respeito à escrita é completamente diferente, porque ela tem que relacionar o som, o significado e a palavra impressa. Entretanto, a diferença principal entre a leitura e escrita é que na leitura parte da informação visual, ou seja, da decodificação das letras que compõem as palavras, na escrita, reflete a palavra falada.

A ação de ler oferece a probabilidade de uma livre participação social do ser humano na sociedade, transcendendo de forma reflexiva, crescendo progressivamente e ampliando o seu entendimento das coisas que o cercam. Nesse aspecto, a leitura representa um instrumento de grande poder nas mãos daqueles que a detêm.

A habilidade de interpretar o que se ouviu ou viu é considerada pelo educador como um avanço no ensino aprendizagem. Infelizmente, ainda há aqueles que não conseguem absorver uma informação de uma leitura, um grande entrave para os envolvidos no processo, pois com certeza não são capazes de fazer uma produção textual.

A professora A enuncia a utilização de atividades diversificadas para identificar as dificuldades de aprendizagem enquanto a professora B relaciona essa dificuldade aos atos de

desinteresse pela leitura e por sua vez a professora C faz referência à recusa em participar da leitura como evidencia de que há dificuldade de aprendizagem da leitura.

Considerando as estratégias apresentadas pela professora A, afirmamos que é importante que seja oferecida a oportunidade de ler, em situações distintas, em atividades diversificadas. O educando desempenha um papel importante na identificação das dificuldades de aprendizagem e merecem atenção individualizada. O olhar atento de quem ensina pode diagnosticar precocemente as dificuldades.

Para se obter sucesso e avanço no processo de alfabetização no primeiro ciclo, é ideal que o/a professor/a trabalhe com atividades consideradas lúdicas, precisam entender a coerência do pensamento infantil e, a partir disso, compreender a criança.

É notável que a leitura menos agradável para o aluno é aquela considerada obrigatória com atribuição de conceitos (em uma prova, etc.). Não é recomendável que ensinar a ler não incide apenas em ampliar na criança a habilidade de reconhecer palavras através dos seus elementos fonéticos. É nesse momento que entra a figura do/a professor/a, que deve ter como objetivo principal o desenvolvimento do aluno em todos os sentidos, refletir e construir o pensamento coletivamente, sem que ninguém seja marginalizado ou largado de lado.

A leitura na escola tem chamado a atenção de estudiosos que acreditam ser uma necessidade fundamental, despertar o gosto por ela, pois é o meio pelo qual cada um pode se desenvolver na maneira eficiente na capacidade individual e nas condições de contato com os campos de conhecimento. Assim, um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Essas afirmações imprimem elevado grau de seriedade a esse processo, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com caráter autônomo na sociedade letrada, e, portanto, a aquisição da leitura provoca desvantagem nas pessoas que não conseguem realizar a aprendizagem.

3.3 Estratégias eleitas para favorecer a superação dos desafios/dificuldades apresentadas na aprendizagem da leitura e/ou escrita por alunos no ciclo alfabético.

Em todos os níveis de escolaridade, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental deve haver tempo e espaço programado para ler por ler, ler para si mesmo, ou seja, sentir o prazer de ler. Fomentar o prazer da leitura não é algo independente de ensinar a ler. Ser capaz de ler e também saber caminhar pelas trilhas imaginárias dos paradidáticos, das bibliotecas do mundo inteiro. E para garantir a qualidade da aprendizagem de leitura, os professores devem garantir que os alunos se sintam motivados para aprender, já que aprender

requer esforço pessoal, e nesse sentido, o trabalho deve contemplar o conjunto bastante amplo de estratégias complementares que os alunos utilizam em sua aproximação à leitura.

Quadro 4

Entrave ou avanço da aprendizagem da leitura nos alunos do primeiro ciclo	
Professor A	A maioria dos entraves e a falta de motivação, principalmente por parte da família. Avanço é o oposto, pois a família acompanha a aprendizagem do seu filho, como também tem o interesse de procurar a escola para saber o desenvolvimento do mesmo.
Professor B	Entrave é o excesso de falta de acompanhamento (é a maior de todas as dificuldades); Avanço: força de vontade dos alunos. Uma grande quantidade de fonte espalhada por toda parte.
Professor C	Entrave: a falta de acompanhamento nas séries iniciais. Avanço foi o bom acompanhamento pelos professores e pais.

Fonte: Pesquisador 2015

O que se considera um grande avanço na escola pesquisada, é a quantidade de fonte espalhada por toda parte com o objetivo de promover a leitura entre os alunos, em qualquer nível, pois não é tarefa fácil, isso requer tempo, força de vontade e técnicas apropriadas para trabalhar. Nela o aluno é envolvido ao ponto em que ele perceba que a leitura se torne algo necessário, mostrando a ele a importância e aplicabilidade do conteúdo lido.

Para isso, o/a professor/a pode antecipadamente para falar sobre o tema, aguçando a curiosidade do aluno, além de propor uma discussão sobre o tema (um debate) após a leitura. O tema escolhido para se trabalhar é sempre de forma significativa, ou seja, um tema de interesse da criança, buscando nos seus conhecimentos prévios para que ele possa se interagir e se colocar dentro da sua própria produção.

De acordo com as professoras A, B e C, a ausência da família é considerada como um dos maiores entraves para se alcançar o ensino aprendizagem. Portanto a família precisa observar a criança não somente ao ler e ao escrever, mas em qualquer situação ou atividade que for realizar. É interessante que os pais leiam para seus filhos, pois geralmente eles costumam imitar os pais, porque o admiram e muitas vezes para chamar a atenção.

Os/as professores/as devem auxiliar as crianças com dificuldades de aprendizagens nas tarefas da escola, fazendo a divisão dos trabalhos longos em pequenas partes, para ajudá-las a rever os conteúdos de ensino; usar enigmas para que elas descrevam o objeto; tomar cuidado com o material escrito: letras claras, uso de desenhos, diagramas e menos uso de palavras escritas e o uso do dicionário.

Nesse sentido Bessa e Afonso (2004), recomendam uma atenção individualizada em que se respeite o ritmo de aprendizagem da criança e em que se evite a aprendizagem pelo erro. Mas também os pais são orientados para auxiliar os filhos nas atividades em casa, e também para acrescentar a auto-estima. E jamais esquecer que a criança com dificuldade na leitura e na escrita são inteligentes e criativas, basta ajudá-las por meio do reconhecimento por tudo que ela faz.

É muito importante que o/a professor/a esteja sempre se inovando e refletindo sobre as possíveis dificuldades na leitura e na escrita, que possa encontrar na sua sala de aula e saiba reconhecer seus sinais. Com a devida orientação, o aluno conseguirá ser bem, sucedido em classe. Embora muitas vezes, nem sempre os professores, os pais e/ou a família possuem informações suficientes para entender e enfrentar adequadamente o processo. E nesse sentido, os pais cobram das escolas respostas e resultados, e a escola, por sua vez, acusa os pais de negligência. Com este tipo de atitude e sem a preparação adequada, a escola passa a ser um lugar de acúmulo de frustrações para os alunos. De acordo com Moraes (1997 p.183), “as crianças que derivam de ambientes cultos têm mais facilidade em aprender a ler e a escrever do que crianças provenientes de ambientes não-letrados”.

De acordo com os professores participantes desse estudo, as dificuldades de aprendizagem envolvem alunos comuns, ou seja, aparentemente normais, que não apresentam um bom rendimento escolar principalmente quando são aplicadas atividades que envolvam expressão oral e escrita, ditado, leitura e estudo de texto. Por essa limitação muitos desenvolvem problemas emocionais, muitas vezes desistindo de aprender, levando-os ao isolamento social, apresentando embaraço de relacionamento. Diante do desajustamento para a aprendizagem, a criança é vítima por sentimentos de inferioridade, frustração, agitação emocional, rotulados como fracassados e conseqüentemente ocasiona a evasão escolar.

As dificuldades de aprendizagem mais frequentes na Escola Celso Eulálio, no ciclo alfabético se caracteriza da seguinte maneira:

- ✓ Relembrar o que alguém falou. (Professora B)
- ✓ Entender e seguir instruções. (Professora A)
- ✓ Encontrar a página indicada. (Professora A)
- ✓ Distinguir direita e esquerda. (Professora C)
- ✓ Soletração. (Professora C)
- ✓ Escrita de palavras com sílabas complexas. (Professora B)
- ✓ Escreve sem nenhuma ordem ortográfica. (Professora C)
- ✓ Segmentação de palavras em frases e textos. (Professora A)
- ✓ Diferença entre letra cursiva e de imprensa. (Professora B)
- ✓ Troca consoantes com sons parecidos. (Professora B)
- ✓ Associar grafema com fonema. (Professora A)
- ✓ Relacionar a figura com a palavra. (Professora C)

As referidas professoras lançam mão de alternativas metodológicas para envolver seus/suas alunos/as nas atividades de leitura e escrita, especialmente no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem. Dessa maneira, responderam que utilizam atividades diversificadas, privilegiam atividades coletivas, apostam nas informações expostas em cartazes e imagens e valorizam os conhecimentos cotidianos.

A escola tem como objetivo central alcançar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, pois o objetivo da educação na sociedade contemporânea é fortalecer a autonomia e espírito crítico dos seus sujeitos. Nesse sentido Moraes (2007 p. 196) argumenta:

O conhecimento produz-se no diálogo entre diferentes sujeitos na constituição da intertextualidade cada vez mais complexa para todos os envolvidos, aceitando isto, entendemos que a escrita é ferramenta de reconstrução de conhecimentos e discursos sociais. Desse modo, emerge um sujeito capaz não apenas de expressar novos conhecimentos, mas também, capaz de transformar-se continuamente e, sem dúvida, apto a participar da transformação do contexto em que vive.

Trabalhada na escola não deve apenas ser um aparelho de alfabetização, mas sim, apoio para que ao vivenciar a leitura, o indivíduo tenha um senso crítico afiado, de modo a torná-lo sensível às questões diárias que o orienta, pois com a leitura amplia-se o mundo e possibilita várias situações com infinitos significados. A seguir, apresentamos algumas considerações finais sobre nossos achados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudos baseados em vários autores/as e a pesquisa na Escola Celso Eulálio, especificamente no ciclo alfabético que corresponde do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental foi possível concluir que os temas referentes a este ciclo estão sendo bastante discutidos, principalmente pelos profissionais de educação, por se observar ainda uma grande dificuldade na aprendizagem da leitura e conseqüentemente da escrita dos alunos que pertencem a este ciclo. Atualmente, esta questão vem recebendo atenção especial, principalmente se for considerada a alfabetização não apenas como o aprendizado da leitura e da escrita, mas a importância de todo o seu contexto sociocultural, histórico e econômico, no qual está inserido o sujeito/a.

Foi possível perceber que todas estas preocupações, não são recentes, vários teóricos/as debateram e vem debatendo sobre a importância e a necessidade de ver a criança conseguir sua maturidade e construir suas próprias produções sendo importante o entendimento e amadurecimento emocional e intelectual.

Após a pesquisa realizada podemos inferir que uma aula pode ter efeito positivo ou negativo para o/a aluno/a, especificamente para aqueles/as que apresentam dificuldades. Quando o/a professor/a consegue identificar os seus obstáculos e procura desenvolver atividades que motivem realmente o aluno/aa se sentir capaz de realizar as atividades propostas, a aula terá efeito positivo, pois assim a criança estará interagindo e aprendendo com os conhecimentos dos colegas e do próprio professor. Caso contrário ele/a se sentirá excluído e derrotado/a pelo insucesso escolar.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela escola, como a falta de acompanhamento da família e a falta de interesse das crianças concluiu-se que as professoras que trabalham com as séries correspondentes ao ciclo alfabético estão sempre buscando métodos específicos que realmente estão de acordo com a realidade da turma, para trabalhar e tentar superar as dificuldades em leitura que alguns alunos apresentam. Visto que, para acontecer o avanço na prática da leitura e da escrita se faz necessário o comprometimento dos professores com a desmistificação das relações sociais, sendo um profissional reflexivo em sua prática pedagógica, que esteja sempre inovando e criando alternativas para estimular o interesse dos alunos, pois, o melhor método é aquele onde o aluno seja parte importante e integrante do processo, e possa expressar suas opiniões frente ao professor.

Diante das considerações feitas, se faz necessário que a escola atenda aos anseios e as necessidades dos alunos no que concerne ao ato de ler e ampliação de seus conhecimentos.

Para tanto, deverá apresentar estratégias de leitura que venham a possibilitar a competência linguística do aluno em relação ao processo e compreensão de textos, levando-o inclusive a questionar a palavra escrita, e descobrir a possibilidade de se fazer múltiplas leituras em um mesmo texto.

Concluimos que o processo de formação do leitor/a está vinculado, primeiramente, ao contexto familiar, isto é, se há presença de livros, leitores e situações de leitura no lar, pois, desde pequenas as crianças aprendem a entender o mundo que as rodeia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e professores:** reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1992-2ed. Rev.-(coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor, v.16).

BESSA, Fátima; AFONSO, Rosa. **Dislexia – qual é o papel dos pais?** Disponível em: Acesso em: março 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Ed. 70, 1977.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos, **Alfabetização e Linguística:** Scipione, 10ª Ed.2002.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Editora Cortez,1985.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FIORENTINI, Dário; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos.** Campinas: Autores Associados, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** – 6. ed. – 3. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

KLEIMAN, Angêla. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da leitura.** 8ª Ed- Campinas, SP: Pontes. 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática: **Coleção magistério, série formação do professor.** São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2003. MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa o prazer de conhecer.** Fortaleza: Edições Democráticas Rocha, UECE, 2001.

MINAYO et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro. Vozes, 1999.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2007.

MOLINARI, Cláudia. Estratégias para intervenções conscientes no ensino da leitura e da escrita. **Nova escola**. Editora Abril, ano XIV, n.199, p.15 – 18, jan.2008.

MORAES, A.M.P. **Distúrbios de Aprendizagem**: Uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: EDUCON, 1997.

MORAES, Roque. **Análise Textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

PIAGET J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

REGO, Teresa Cristina. **Uma perspectiva Histórica**. Cultural da Educação. 10ª Ed. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas (et al.). – 3. ed. – 7. Reimpr. – São Paulo: Atlas 1999.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In:

SOARES, M. B. (1985). **As muitas facetas da alfabetização**. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 19 - 24.

VYGOTSKY, LevSemyonovitch.; LURIA, Alexander Romanovitch.; LEONTIEV, AlekseiNikolaievitch.; **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI- CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EMPEDAGOGIA**

INSTRUMENTO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO

Prezados/as Professores/as:

Com o objetivo de analisar as práticas pedagógicas de professores/as do ciclo alfabético (1º, 2º e 3º ano) no que diz respeito ao ensino da leitura, pedimos a sua colaboração e se possível o preenchimento deste instrumento de pesquisa, pois o mesmo servirá como fonte de coleta de dados para um estudo monográfico que é requisito final do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (CSHNB/UFPI) sob a orientação da Profª: Maria Dolores dos Santos Vieira.

Pedimos, por gentileza, o completo preenchimento deste questionário, lembrando que não há respostas certas ou erradas e o seu conhecimento não será medido, apenas necessitamos de informações que possam contribuir para a compreensão sobre as práticas pedagógicas que são desenvolvidas pelos professores do ciclo alfabético no que diz respeito à aprendizagem da leitura. Em caso de dúvida sobre alguma questão estamos disponíveis para orientá-lo.

Obrigado por ter dedicado tempo e interesse em responder este instrumento.

Atenciosamente

Aguinel Fernandes da Silva

(Acadêmico do 10º bloco do Curso de Pedagogia)

Profª. Me. Maria Dolores dos Santos Vieira

(Orientadora)

1-Identidade Pessoal e Profissional

1.2Sexo: 1 () Masculino 2 () Feminino

1.3 Estado Civil:

1. () solteiro (a)
2. () casado (a)
3. () união consensual
4. () separação não judicial
5. () desquitado (a) ou separado (a) judicialmente
6. () divorciado (a)
7. () viúvo (a)

1.4.1 Local de trabalho

1.4.2 Função que exerce

2. Formação

1. () Cursando Graduação

2. () Graduação Completa

2.1 Caso você assinale o item (2), por favor responda:

2.1.1 Seu curso de graduação é:

1 () Licenciatura 2 () Bacharelado

2.1.2 Qual é o seu curso? _____

2.1.3 Você possui especialização/ões? Qual/ais?

4.6 A que fatores você atribui o entrave ou avanço da aprendizagem da leitura dos seus alunos? Justifique.

Obrigado



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **AGUINEL FERNANDES DA SILVA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **A PRÁTICA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO CICLO ALFABÉTICO NA ESCOLA MUNICIPAL CELSO EULÁLIO, EM PICOS – PIAUÍ** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de Abril de 2016.

Aguiuel Fernandes da Silva
Assinatura